



University of
Texas Libraries

REDIB
Red Iberoamericana
de Investigación y Conocimiento Científico



e-revist@s



Centro Universitário Santo Agostinho



revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 15, n. 3, art. 10, p. 198-211, mai./jun. 2018

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2018.15.3.10>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Riobaldo e Diadorim Sob uma Vertente Homoerótica Riobaldo and Diadorim Under a Homoerotic Perspective

Emanoel Cesar Pires de Assis

Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina

Professor da Universidade Estadual do Maranhão

E-mail: emanoel.uema@gmail.com

Irislene e Silva Coutinho

Graduanda em Licenciatura em Letras/Universidade Estadual do Maranhão

irislene_coutinho@hotmail.com

Keury Carolaine Pereira da Silva

Graduanda em Licenciatura em Letras/Universidade Estadual do Maranhão

E-mail: keurycarolaine@outlook.com

Endereço: Emanoel Cesar Pires de Assis

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Praça
Duque de Caxias, s/n. Morro do Alecrim. CEP: 65600-
000, Caxias-MA, Brasil.

Endereço: Irislene e Silva Coutinho

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Praça
Duque de Caxias, s/n. Morro do Alecrim. CEP: 65600-
000, Caxias-MA, Brasil.

Endereço: Keury Carolaine Pereira da Silva

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Praça
Duque de Caxias, s/n. Morro do Alecrim. CEP: 65600-
000, Caxias-MA, Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 04/02/2018. Última versão
recebida em 22/02/2018. Aprovado em 23/02/2018.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar em *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, a relação homoafetiva presente no texto, mais precisamente o vínculo afetivo existente entre as personagens Riobaldo e Diadorim, paixão essa inexplicável e impossível nutrida no Grande Sertão criado por Rosa. E, dessa forma, compreender como o autor representa essa temática em seu romance tentando, assim, desvendar de que maneira o amor homoerótico é inserido na tessitura da narrativa.

Palavras-chave: Grande Sertão. Veredas. Homoafetividade. Amor.

Abstract: The purpose of this article is to analyze the homoaffective relation present in the text, more precisely the affective bond existing between the characters Riobaldo and Diadorim, a passion that is inexplicable and impossible to nourish in *Grande Sertão: Veredas*, by the writer João Guimarães Rosa. And, in this way, to understand how the author represents this theme in his novel, trying, thus, to discover how homoerotic love is inserted in the texture of the narrative.

Keywords: Grande Sertão. Veredas. Homoaffective. Love.

1 INTRODUÇÃO

João Guimarães Rosa foi um brilhante escritor da literatura brasileira. Tinha um grande apreço por línguas; por causa disso, assomou-lhe o interesse em estudar diversos idiomas estrangeiros, somando-se mais de 5 línguas em que era fluente. Por isso, lidava com maestria em relação aos diferentes tipos de “linguagens” que desenvolvia em seus exemplares. Sua obra foi imensamente inovadora, original e particular, marcada pelo regionalismo que o autor conseguiu universalizar a partir de sua linguagem própria, repleta de neologismos. Guimarães fez parte da terceira geração do modernismo, também conhecida como Geração de 45, contrapondo-se à escola literária anterior que consistia em estabelecer uma literatura nacional fortificada por meio de diferentes manifestações artísticas. A geração de 45 rompeu com os padrões estabelecidos manifestando, deste modo, grandiosas inovações na pesquisa estética, ao empregar o discurso direto e o discurso indireto livre nas expressões literárias.

Sua escrita era considerada por alguns como sendo de difícil compreensão, pois se tratava de um estilo particular, diferente do usado, corriqueiramente, pelos escritores que o antecederam. Em suas obras, ele externava sua pesquisa linguística e atingia grandiosos efeitos com a sonoridade de suas frases. Sua genialidade requintada e bem elaborada fez com que o universo particular e cultural, que é o sertão, se unisse com a própria universalidade. Rosa criou seu regionalismo através das diversas viagens que fez ao interior do Brasil, por conseguinte, conviveu com pesquisadores particulares. A exemplo disso, temos os jagunços, vaqueiros, coronéis, peões, prostitutas e beatas, que ele viu, conversou e estudou. Apoiado nisso, Candido diz que:

A experiência documentária de Guimarães Rosa, a observação da vida sertaneja, a paixão pela coisa e pelo nome da coisa, a capacidade de entrar na psicologia do rústico, – tudo se transformou em significado universal graças à invenção, que subtrai o livro à matriz regional para fazê-lo exprimir os grandes lugares comuns, sem os quais a arte não sobrevive: dor, júbilo, ódio, amor, morte, – para cuja órbita nos arrasta a cada instante, mostrando que o pitoresco é acessório e que na verdade o Sertão é o Mundo (CANDIDO, 1978, p. 122).

O romance escrito por João Guimarães Rosa encontra-se, segundo Candido (1978), na sua perfeita realização, como um produto forte e belo. Nascido na vanguarda da narrativa contemporânea, *Grande Sertão: Veredas* foi questionado e consolidado internacionalmente. Isso fez com que a obra ficcional de Rosa fosse traduzida para diversos idiomas. Devido ao

sucesso literário do escritor, o seu nome foi indicado para o Prêmio Nobel de Literatura (1967). Além do prêmio da Academia Brasileira de Letras conferido a *Magma*, Guimarães Rosa recebeu o prêmio Felipe d'Oliveira pelo livro *Sagarana* (1946). *Grande sertão: Veredas* (GSV) recebeu o prêmio Machado de Assis (1961), do Instituto Nacional do Livro, e o prêmio Carmen Dolores Barbosa (1956), e ainda o prêmio Paula Brito (1957). *Primeiras estórias* recebeu o prêmio do PEN clube do Brasil (1963).

Este artigo tem como objetivo analisar a relação homoafetiva presente no texto, mais precisamente o vínculo afetivo existente entre as personagens Riobaldo e Diadorim. Em GSV existe uma configuração de falas que induz a temática do homoerotismo, desde os anseios no campo da amizade até o desejo propriamente amoroso expresso no jagunço Riobaldo, ambos os personagens revelam comportamentos alheios ao universo em que vivem, sertão, lugar de brutalidade e atitudes menos sentimentais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Homoerotismo e a Obra Literária

A literatura de temática homoafetiva é ainda considerada uma produção das minorias, com um histórico de pesquisas e sistematização de paradigmas que vem se fortalecendo, no campo da crítica e teoria, a partir dos esforços articulados pelos pesquisadores dos Estudos Culturais. Essa temática vem ganhando, assim, um aspecto de invisibilidade perante os críticos, pois a homossexualidade, por muito tempo, foi comumente considerada um crime, ou até mesmo uma doença, pensamento, infelizmente, ainda presente nos dias hodiernos.

Em vista disto, é importante examinar a colocação Barcellos (2006) que acredita ser preferível utilizar o conceito homoerotismo à homossexualidade; o primeiro abarca as diferentes relações entre indivíduos do mesmo sexo, enquanto o segundo qualifica a inclinação da sexualidade de um sujeito.

Ainda que se possa alegar que a adoção de “homoerotismo” no lugar de “homossexualidade” possa representar algum tipo de perda política, pois estaríamos nos descartando de um termo marcado por uma forte carga estigmatizante e, por isso mesmo, mais apto a formas de resistência, através da reapropriação e do reinvestimento semântico, parece-nos que, em termos de crítica literária, a abertura dada pelo conceito de homoerotismo é imprescindível para qualquer trabalho que não se atenha exclusivamente a uma forma específica e bem delineada de relação ou identidade homoerótica, como a pederastia grega, a sodomia medieval ou as identidades gays contemporâneas (BARCELLOS, 2006, p. 20).

Dessa forma, o desejo homoerótico é privilegiado na configuração da Literatura Homoerótica, e, assim, essa produção é vista como arte universal, pois não é uma criação velada, feita apenas por *gays* e/ou para *gays*.

Por esta razão, faz-se necessário reservar uma atenção especial às questões mais recentes que envolvem a Crítica Literária, ao separar literatura canônica de literatura não-canônica. Essa situação é vista nas criações homoeróticas por se confundirem, muitas vezes, com as produções de cunho cultural. Portanto, é necessário estar atento ao enveredar por esses caminhos, para que não haja uma postura ingênua diante das relações: Literatura e homoerotismo; e não se propague a lógica do lucro e, de igual importância, percepções homofóbicas nas especificidades do estudo.

E vemo-nos sempre diante de dualismos teóricos que parecem difíceis de serem diluídos. Assim, de um lado, os estudos literários, e, de outro, os estudos culturais; a arte dividida entre a boa, alta ou verdadeira e a ruim, menor ou falsa, quando não nos deparamos com a dualidade arte *versus* não arte; literatura não é o mesmo que literatura de massa; obra de arte não é o mesmo que produto cultural. O que nos leva a outros dualismos, como, por exemplo, a discussão em torno da existência de uma literatura *gay* em contraposição a uma literatura homoerótica; uma política, outra isenta de politicidade, já que centrada no desejo e não no sujeito (SOUZA, 2010, p. 56).

O trecho acima revela a perspectiva do homoerotismo na literatura, que se distancia das pretensões sociais e políticas e revela o fazer literário, na perspectiva da estética e da composição artística do texto. Os movimentos *gays* contemporâneos têm contribuído para uma visualização da presença homoerótica na literatura.

Em GSV, percebemos essa configuração do desejo homoerótico concebido pelas personagens Riobaldo e Diadorim, no que tange à expressão mais sutil, tecida por Rosa, ao não tratar a temática de forma total, e sim parcial pois, na verdade, Diadorim é uma mulher travestida de homem, mesmo assim, o autor deixa notório o *status* homoerótico no tratamento de seus intérpretes ficcionais.

3 ANÁLISES E DISCUSSÕES

3.1 O Desejo Homoerótico: Riobaldo e Diadorim

Do ponto de vista interpretativo, a relação amistosa entre Riobaldo e Reinaldo/Diadorim foi afetuosa desde o primeiro encontro, daí já nos era perceptível o

sentimento cultivado ao longo da narrativa. A essência dessa união foi descrita em GSV de forma doce e bela. A estranheza se dá pela forma como Riobaldo se refere ao amigo em sua narração, ele traz à tona uma memória de seu antigo parceiro de jagunçagem, que é lembrado de forma terna:

Assim, uns momentos, a menos eu guardava a licença de prazo para me descansar. Conforme pensei em Diadorim só pensava era nele. Um João-de-Barro cantou. Eu queria morrer pensando em meu amigo Diadorim, mano-oh-mão, que estava na Serra do Pau d'Arco, quase na divisa baiana, com nossa outra metade dos sô-candelários...Com meu amigo Diadorim me abraçava, sentimento meu iavoava reto para ele (ROSA, 2006, p. 21).

A dubiedade de Riobaldo é expressa em Riobaldo-narrador e em Riobaldo-personagem, a partir dessa construção é possível enxergar a obra ficcional da forma como o narrador considera apropriada expor, e sentir a crise do personagem em questão. Dessa forma, a relação de amizade entre os dois passa a ser alvo de suspeitas. O comportamento de Riobaldo ao lembrar saudosamente do amigo é revelador da sua paixão. Em Riobaldo-personagem há resistência e em Riobaldo-narrador existe consciência em relatar os fatos, e ao mesmo tempo, ele ocupa o lugar de um sujeito denunciador de sua própria condição.

Diadorim e eu, nós dois. A gente dava passeios. Com assim, a gente se diferenciava dos outros – porque jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si. De nós dois juntos, ninguém nada não falava. Tinham a boa prudência. Dissesse um, caçoasse, digo – podia morrer. Se acostumavam de ver a gente parmente. Que nem mais maldavam (ROSA, 2006, p. 28).

Assim, temos Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins, Reinaldo ou Diadorim. O primeiro, nome de batismo, em seguida o nome conhecido pelo bando, e o terceiro é o que povoa a mente e o coração do Jagunço Riobaldo, nome revelado somente a ele, como um segredo. Ainda nesse contexto, Clarice Estés atenta que “O motivo pelo qual o nome verdadeiro é, muitas vezes, mantido em segredo está na proteção do seu dono, para que ele ou ela possa crescer e ocupar o potencial do nome e na proteção do próprio nome, de modo que ninguém avilte ou prejudique” (1994, p. 156).

Nessa perspectiva, Diadorim se ocupa em optar por uma dualidade nominal, o primeiro, Reinaldo, para se referir ao seu papel masculino, exercido por causa de seu pai, e a personalidade que ele queria que ela representasse, de homem forte e pronto para a luta. Enquanto o segundo, Diadorim, representa o seu feminino, lado encantador e sensível.

— “Pois então: o meu nome, verdadeiro, é Diadorim... Guarda este meu segredo. Sempre, quando sozinhos a gente estiver, é de Diadorim que você deve de me chamar, digo e peço, Riobaldo...” (...) – logo eu disse: – “*Diadorim... Diadorim!*” – com uma força de afeição. Ele sério sorriu. E eu gostava dele, gostava, gostava (ROSA, 2006, p. 156, grifo do autor).

Há nessa premissa a expressão do amor do jagunço pela donzela travestida de homem e, ao mesmo tempo, a justificação desse desejo que, mesmo indiretamente, não é pela figura feminina e sim pela representação dela como amigo e companheiro de jagunçagem.

Nesse contexto, é interessante perceber como as veredas do grande sertão se abrem, e vê-se aí a imagem de Reinaldo que, aos poucos, é substituída pela principal alegação de Riobaldo, a de que Reinaldo/Diadorim é na verdade uma mulher, portanto, há a negação de um sentimento homoerótico.

Todavia, é necessário ter em mente que a composição desse desejo vai além de qualquer declaração que o relatar da história possa exteriorizar, pois este transparece em Riobaldo-personagem, mesmo quando ele, na figura de narrador, tenta mascarar.

A diferença entre os sexos tem, felizmente, um sentido muito profundo. As roupas são meros símbolos de alguma coisa profundamente oculta (...) Embora diferentes, os sexos se confundem. Em cada ser humano ocorre uma vacilação entre um sexo e outro e, às vezes, só as roupas conservam a aparência masculina ou feminina, quando interiormente, o sexo está em completa oposição ao que se encontrava à vista. Cada um sabe por experiência as confusões e complicações que disso resultam (...) (WOOLF, 2008, p. 124-5).

Evidencia-se no fragmento citado a natureza dual dos seres humanos, que possuem em si elementos que os misturam em suas intimidades, e que a roupa é capaz de modificar a aparência, tanto para quem a veste, como para quem a enxerga, mas não a essência de nossos sentimentos. No caso de Diadorim, ele se mostrava como homem e para Riobaldo era aquele homem o objeto de seus desejos, apesar da demonstração paradoxal de seu querer.

O que compunha minha opinião era que eu, às loucas, gostasse de Diadorim, e também, recesso dum modo, a raiva incerta, por ponto de não ser possível dele gostar como queria, no honrado e no final. Ouvido meu retorcia a voz dele. Que mesmo, no fim de tanta exaltação, meu amor inchou, de empapar todas as folhagens, e eu ambicionando de pegar em Diadorim, carregar Diadorim nos meus braços, beijar, as muitas demais vezes, sempre. E tinha nojo maior daquela Ana Duzuza, que vinha talvez separar a amizade da gente (ROSA, 2006, p. 19).

É interessante observar a forma como o aspecto cultural interfere diretamente na paixão de Riobaldo. O lugar a que pertence cultiva comportamentos fundamentalmente

masculinos, principalmente o bando de jagunços que só toleram o “ser homem” e sufocam comportamentos transgressores. Nesse sentido, Riobaldo ameniza seu sentimento ao mesmo tempo em que o confessa.

O ápice da relação homoerótica entre Diadorim e Riobaldo ocorre quando é descoberta a morte e a verdadeira identidade de seu amado. Ao constatar o segredo que Diadorim carregou até o fim de sua vida, Riobaldo viu nascer em si um sentimento de traição por parte de sua paixão que o fez desconhecer a natureza real dos fatos até o último momento, mas ao mesmo tempo sentiu-se estarecido com a certificação de que amou uma mulher e não alguém do mesmo sexo, como tanto temia.

E disse. Eu conheci! Como em todo o tempo antes eu não contei ao senhor – e mercê peço: – mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também só soube... **Que Diadorim era o corpo de mulher**, moça perfeita... Estarreci. A dôr não pode mais do que a surpresa. A Côice d’arma, de coranha (...) (ROSA, 2006, p. 599, negrito nosso).

Assim, Riobaldo proclama uma batalha contra os seus próprios sentimentos e passa a mergulhar em conflitos psicológicos. A partir disso, vive um turbilhão de emoções: tristeza, amor e ódio, tudo por conta da revelação de que Diadorim era, na verdade, uma mulher travestida de jagunço e, por causa disso, Riobaldo, teve por muito tempo o amor e o desejo, que nutria por Diadorim, repelidos de seu íntimo, todavia, não teria chances de voltar atrás.

Eu estendi as mãos para tocar naquele corpo, e estremei, retirando as mãos para trás, incendiável: abaixei meus olhos. E a Mulher estendeu a toalha, recobrando as partes. Mas aqueles olhos eu beijei, e as faces, a boca. Adivinhava os cabelos. Cabelos que cortou com tesoura de prata... Cabelos que, no só ser, haviam de dar para baixo da cintura... E eu não sabia por que nome chamar; eu exclamei me doendo: – “Meu amor!...” (ROSA, 2006, p. 599).

É importante realçar que, após a averiguação da verdade sobre Diadorim, o único entrave que impedia Riobaldo de assumir o seu amor foi quebrado e o personagem sentiu-se livre para, finalmente, poder expor as afeições que nutria pelo travestido, sentimento que sofria constante negação.

3.2 As Veredas Catárticas de Rosa

A visão reflexiva que permeia todo o Sertão de Guimarães é a de que o desejo homoerótico é na maioria das vezes negado. Nesse contexto, o próprio protagonista acredita que o seu sentimento é uma espécie de delito e durante a narrativa procura justificar seus anseios.

O autor, ao mascarar esse sentimento, o faz na tessitura de sua personagem mais representativa, de maneira que o homoerotismo masculino foi durante a narrativa sendo substituído por um desejo de um homem para com uma mulher. Entretanto, a construção psicológica de Riobaldo desnuda sua ânsia homoerótica como algo consciente e verdadeiro para o próprio, por isso, ele é passível de culpa pela transgressão através do “pecado”.

A conflituosa história de amor descrita pelo narrador Riobaldo, na medida em que nos é apresentada, faz com que seja possível para nós, interlocutores, a construção de pontes em meio ao sertão. Uma ação mais difícil em sua forma literal, todavia, no sertão arquitetado por Rosa, as fontes de águas para mergulharmos em profundas reflexões são especialmente possíveis. As pontes por nós construídas nos levam a um novo sertão, a *secura moderna*, que induz aos nossos próprios anseios que, ao negarmos, nos aproximamos daquilo que foi edificado por Guimarães e que ainda é deveras concreto.

Alguns fatores são relevantes para se fazer uma comparação entre o Sertão de Rosa e o Sertão Moderno: o poder exercido pelos jagunços representavam um obstáculo considerável para a concretização da repressão dos desejos homoeróticos descritos na obra. Hoje temos as formas de autoridade que configuram essa mesma espécie de coibição dos desejos, reveladas, dessa vez, não pela forma dos “capangas sertanejos”, mas, algumas vezes, pela própria família, pelo governo e pela sociedade.

No entanto, podemos apontar os jagunços como sendo um impedimento mínimo, apesar da notabilidade do que foi para Riobaldo não só conviver com eles, mas em um certo momento liderá-los, nesse meio que é considerado machista e homofóbico. De maneira que, no Sertão Moderno, ainda prevalece o homosocial que não permite ao homem perder sua “macheza” que é tão aclamada pelos sertanejos contemporâneos.

A questão religiosa também é um outro embaraço para a realização dos desejos homoafetivos. Em toda a trama narrativa, Riobaldo manifesta uma espécie de restrição por causa da religião que exerce seu poder mesmo de forma não declarada. Sua atitude é taxada através de seu próprio julgamento, como uma prática pecaminosa que vai contra os princípios naturais de Deus. Nessa perspectiva, Ricardo Thomé elucida a questão de como o indivíduo

homoafetivo é visto pela sociedade, tal reflexão nos acorda para a concepção problemática do heterocentrismo.

[...] o homossexual é duplamente marginal. É marginal no sentido de estar, como a mulher, à margem do centro. Mas é marginal, ainda, no sentido conotativo do termo, na acepção de *fora-da-lei*, de pervertido, de imoral, de pecador (THOMÉ, 2009, p. 21-22).

Nos dias de hoje ainda é comum a revelação de as Escrituras influenciarem ou inibirem os comportamentos homoeróticos e promoverem a crença da necessidade de “cura” para o indivíduo homoeroticamente inclinado. As relações entre o homoerotismo e a prática do sagrado ainda incita discussões mais obstinadas que não cabem em nosso estudo, pois o que pretendemos realçar é puramente o papel repressor que a religião assume em certos momentos.

O não saciar esse desejo implica a insatisfação de Riobaldo, a pressão do meio social em que está inserido só não é maior do que os seus próprios pensamentos e conflitos internos que funcionam como a principal barreira enfrentada por Riobaldo: a luta consigo mesmo.

Riobaldo como narrador conhece o desfecho da história, em que Diadorim é revelado como uma mulher, e essa é a maior justificação para sua transgressão; entretanto, como personagem, ele sofre inquietações e angústias em virtude da paixão nutrida pelo amigo. A reconstrução de todas essas memórias, porém, torna-se mais fáceis e ele consegue algumas repostas, por possuir, agora, um olhar maduro ao visualizar seu passado, e isso garante ao narrador uma compensação, como reflete no fragmento abaixo:

Agora, que mais idoso me vejo, e quanto mais remoto aquilo reside, a lembrança demuda de valor – se transforma, se compõe, em uma espécie de decorrido formoso. Consegui o pensar direito: penso como um rio tanto anda: que as árvores das beiradas mal nem vejo... Quem me entende? O que eu queira. Os fatos passados obedecem à gente; os em vir, também. Só o poder do presente é que é furiável? (ROSA, 1994, p. 485).

Riobaldo, ao advogar em seu favor, busca por parte do ouvinte uma compreensão pois, ao descrever Diadorim, ele compõe uma imagem de um ser apaixonante, puro, e de uma beleza sublime. Ou seja, qualquer um seria facilmente provocado a amá-lo, de modo que “Ao apaixonar-se por essa mulher, sem duvidar de seu disfarce, Riobaldo torna-se uma presa de elucubrações sobre as ambiguidades entre a diferença e a semelhança”. (GALVÃO, 2006, p. 145)

Desse modo, o contexto faz com que prevaleça a figura de Riobaldo macho, por perceber a feminilidade em Diadorim mesmo antes da revelação, essa seria a justificação para a violação cometida. Afinal, não foi e não é fácil viver no mundo dos machos quando se está na condição do feminino.

Diadorim caminhava correto, com aquele passo curto, que o dele era, e que a brio pelejava por espertar. Assumi que ele estava cansado, sofrido também. Aí mesmo assim, escasso no sorrir, ele não me negava estima, nem o valor de seus olhos. Por um sentir! às vezes eu tinha a cisma de que, só de calçar o pé em terra, alguma coisa nele doesse. Mas, essa ideia, que me dava, era do carinho meu. Tanto que me vinha a vontade, se pudesse, nessa caminhada, eu carregava Diadorim, livre de tudo, nas minhas costas (ROSA, 2006, p. 285).

O próprio Riobaldo não consegue lidar com o seu sentimento, mesmo ao perceber em Diadorim uma fragilidade, ele permanece na tentativa de se justificar perante o seu sentimento, isso já expressa a verdade e a definitiva expressão homoerótica não o faria se não notasse a condição do outro como masculino. As duas faces de Diadorim, ora rude, ora meigo, ocultavam ainda mais sua identidade feminina; por isso a preocupação com o seu amado se aproximar de outras mulheres no bando porque o que sobressaía em Diadorim era o masculino e não as delicadezas femininas que estavam distantes do que era próprio dele no momento.

[...] Que Diadorim tinha ciúme de mim com qualquer mulher, eu já sabia, fazia tempo, até. Quase desde o princípio. E, naqueles meses todos, a gente vivendo em par a par, por altos e baixos, amarguras e perigos, o roer daquilo ele não conseguia esconder, bem que se esforçava. Vai, e vem, me intimou a um trato: que, enquanto a gente estivesse em ofício de bando, que nenhum de nós dois não botasse mão em nenhuma mulher. Afiançado, falou: – “Promete que temos de cumprir isso, Riobaldo, feito jurado nos Santos-Evangelhos! Severgonhice e airado avêjo servem só para tirar da gente o poder da coragem... Você cruza e jura?!” Jurei. Se nem toda a vez cumpri, ressalvo é as poesias do corpo, malandragem [...] (ROSA, 1994, p. 265).

Então, o comportamento do personagem roseano se assemelha ao do sujeito em crise, hoje. Riobaldo possui duas máscaras, a de um indivíduo homoeroticamente inclinado e a de jagunço, essa ambiguidade sugere a não aceitação de sua condição, apoiada nas justificações percebemos que através da narração ele se auto reprime, definindo bem a identidade de alguns sujeitos da atualidade. Pertencer ao sertão impulsiona o uso de máscaras, para que assim o homem seja aceito.

[...] homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive inclinação pra aos vícios descontraídos. Repilo o que, sem o preceito. Então – o senhor me perguntará – o que era aquilo? Ah, lei ladra, o poder da vida. Direitinho declaro o que, durando todo tempo, sempre mais, às vezes menos, comigo se passou. Aquela mandante amizade. Eu não pensava em adição nenhuma, de pior propósito. Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa-feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. Acho que. Aquela meiguice, desigual que ele sabia esconder o mais de sempre. E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente – tentação dessa eu esparecia, aí rijo comigo renegava [...] (ROSA, 1994, p. 200).

A crise revelada pela fala de Riobaldo é comum a quem utiliza as máscaras perante a sociedade e até ao próprio personagem, ele desconhece sua verdadeira identidade e expressão, pois: “Se não é possível ao homem desempenhar os papéis que lhe cabem no teatro da vida sem o uso de máscaras, é necessário conhecê-las melhor para utilizá-las de modo adequado e eficiente, evitando os indesejáveis e sempre danosos efeitos colaterais” (CUSCHNIR; MARDEGAN Jr., 2001, p. 14).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscamos analisar a relação homoerótica entre as personagens Riobaldo e Diadorim presente na obra *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa. Embora a literatura homoerótica ainda seja considerada uma literatura das minorias, é possível encontrar obras consagradas, de autores renomados que desenvolveram essa tônica em suas tessituras. A partir disso, o homoerotismo tem sido tratado com mais maturidade nas páginas das obras ficcionais. Guimarães Rosa, em seu romance *Grande Sertão: Veredas*, abre espaço para a questão da homoafetividade e outras percepções críticas ao compor, de forma suave, parcial e “mascarada”, o vínculo sentimental entre as suas representantes ficcionais.

Apesar de o autor ter escrito apenas um único romance, ele conseguiu, através dele, efetivar a produção como um marco na literatura, por ter sido desenvolvida de forma original e com maestria. Assim, lançou um novo estilo de escrita, repleto de um regionalismo característico, e com o aproveitamento de palavras que antes já estavam em desuso, incluindo diversos neologismos. Rosa abordou, ainda que de forma velada, o assunto homoerótico/homoafetivo, sendo, assim, capaz de trazer à tona o debate e a liberdade de

pensamento, tornando o Sertão um mundo que reflete as condições da existência e valores que vivenciamos hoje, e nos demonstrando que a sua produção nunca se esgota em suas possibilidades de interpretação e de ensinamentos.

REFERÊNCIAS

- BARCELLOS, J. C. **Literatura e Homoerotismo Em Questão**. Rio de Janeiro: Publicações Dalogarts, 2006.
- BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANDIDO, A. **O homem dos avessos**. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.
- CUSCHNIR, L.; MARDEGAN Jr., E. **Homens e suas máscaras** – a revolução silenciosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2001.
- ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos, mitos e histórias dos arquétipos da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- GALVÃO, W. N. Rapsodo do sertão: da lexicogênese à mitopoese. In: **Cadernos de literatura brasileira – Guimarães Rosa**. São Paulo: IMS Instituto Moreira Salles, 2006.
- ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. Biblioteca Luso-Brasileira: Aguilar, 1994.
- SOUZA, W. M. **Literatura Homoerótica: O homoerotismo em seis narrativas brasileiras**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2010. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-8BRF39/literatura_homoer_tica__disserta__o_de_mestrado_.pdf?sequence=1>. Acesso em 19 junho de 2017.
- THOMÉ, R. **Eros proibido: as ideologias em torno da questão homoerótica na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Razão Cultural, 2009.
- WOOLF, V. **Orlando**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

ASSIS, E. C. P.; COUTINHO, I. S.; SILVA, K. C. P. Riobaldo e Diadorim Sob uma Vertente Homoerótica. **Rev. FSA**, Teresina, v.15, n.3, art. 10, p. 198-211, mai./jun. 2018.

Contribuição dos Autores	E. C. P. Assis	I. S. Coutinho	K. C. P. Silva
1) concepção e planejamento.	X	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X	X